

**ISABEL CRISTINA RODRIGUES. A PALAVRA
SUBMERSA: SILÊNCIO E PRODUÇÃO DE SENTIDO
EM VERGÍLIO FERREIRA**

Lisboa: INCM, 2016. 401 pp.

Isabel Cristina Mateus*

icmateus@ilch.uminho.pt

Originalmente escrito como dissertação de doutoramento apresentada à Universidade de Aveiro, em 2006, o ensaio *A Palavra Submersa. Silêncio e Produção de Sentido em Vergílio Ferreira*, de Isabel Cristina Rodrigues, ficou pacientemente a aguardar publicação, o que só dez anos mais tarde viria a acontecer. Por feliz coincidência, no ano de comemoração do centenário do nascimento do escritor, constituindo, pela sua invulgar qualidade científica (e literária), uma justa e prestigiante homenagem ao autor de *Manhã Submersa* (Ferreira, 2011). Prova disso é o Grande Prémio de Ensaio Eduardo Prado Coelho que acaba de vencer.

Ainda que sem o poder adivinhar à distância de dez anos, o trabalho de Isabel Cristina Rodrigues não deixa de igualmente prestar tributo à memória do ensaísta Eduardo Prado Coelho, leitor e amigo de Vergílio Ferreira. Desde logo pelo idêntico prazer e encantamento na leitura da obra do escritor beirão (na sua vertente ficcional e não-ficcional, mas também, nas palavras de Maria Filomena Molder pelo permanente “exercício de resistência ao que se torna preponderante” (*apud* Costa, 2012, p.33) que a obra ensaística e crítica de Eduardo Prado Coelho (EPC) representa, um exercício de resistência ao dominante, ao instituído, ao convencional ou ao

* Departamento de Estudos Portugueses e Lusófonos do Instituto de Letras e Ciências Humanas da Universidade do Minho, Braga, Portugal.

óbvio, perscrutando penumbras e sombras, dobras, gestos e silêncios, conduzindo o leitor por caminhos mais ou menos seguros até um inesperado momento de fulgor ou estrelecimento em que qualquer coisa, mesmo a mais ínfima, altera, de repente, para sempre a escala do seu olhar, a nossa forma de ler o mundo.

Precisamente numa crónica de *A Escala do Olhar* (Coelho, 2003), título ‘roubado’ a um verso de Fiama, EPC destacou o papel central da fotografia na escrita de Vergílio Ferreira, tornando ainda mais inesquecível aquela fotografia da avó que o escritor nos dá a ver no terceiro volume de *Conta Corrente*: a avó sentada nos degraus da cozinha da casa a fazer renda, as saias até aos pés e um chinelo visível com a biqueira rota. Chamando a atenção para o eloquente silêncio deste pormenor, EPC dá-nos a ver o invisível do pé, o interior, a intimidade para lá da biqueira rota, o real que a fotografia faz recuar e só a palavra ou o silêncio podem resgatar:

A biqueira rota abre em nós um movimento de inclinação, empurra-nos para o arrebatamento da ternura: porque diz o tempo que rompe as biqueiras dos chinelos, porque exhibe a fragilidade dos seres, as zonas puídas das imagens de autoridade, o involuntário da pose (...) [o] irrompe[r de] uma verdade incontível: a biqueira rota, a dureza da vida, o desamparo em que tu és. (Coelho, 2003, p.30).

De igual modo, sublinhando o papel central do silêncio como produtor de sentido na escrita de Vergílio Ferreira, Isabel Cristina Rodrigues dá a escutar ao leitor os múltiplos sons que lhe dão voz ou o tornam audível, o interior indizível e íntimo para lá da biqueira rota do mundo, o pé oculto ou a palavra submersa no interior do silêncio para lá da ensurdecadora vozeria dos dias de hoje. Devolver o leitor ao coração do silêncio, fazê-lo escutar os seus modos de linguagem, as suas possibilidades comunicativas e literárias nestes tempos velozes em que tanto se fala e tão pouco se diz, é também no ensaio de Isabel Cristina Rodrigues uma forma de resistência ao ruidoso “falatar” em que se transformou o mundo atual, para utilizar aqui uma expressão do próprio Vergílio Ferreira. Uma forma de recuo perante aquilo a que Maria Gabriela Llansol, amiga e leitora atenta do escritor, chamou a “impostura da língua” (Llansol, 1990, p.113). Devolver o leitor ao coração do silêncio, é neste sentido, uma forma de mudar a escala do seu olhar.

Num registo ensaístico em que o pensamento e a emoção se tornam cúmplices e discorrem livres, ensaiando-se em cada página e em cada capítulo de uma escrita sagaz, profundamente original e de uma sensibilidade rara naquilo que é a aridez inumana da linguagem

acadêmica, *A Palavra Submersa* constitui-se como um marco fundamental e incontornável nos estudos vergilianos, uma espécie de roteiro do silêncio que simultaneamente guia, estimula e desafia o leitor, iniciado ou não neste universo. Trata-se de um ensaio que convoca um olhar multidisciplinar, plural, que vai da linguística do texto aos estudos literários, da antropologia à psicolinguística, da estética à filosofia da linguagem e da religião, procurando levar a cabo uma abordagem comunicativa do silêncio ao mesmo tempo que pretende mapear e acompanhar os diversos momentos de configuração de uma poética do silêncio na escrita de Vergílio Ferreira. Ao longo de seis capítulos modelares, a ensaísta revela uma leitura sagaz e rigorosamente fundamentada, que vai cruzando e discutindo referências teóricas, críticas e literárias distintas que vão dos seminiais *The retreat from the word*, de George Steiner (1961) e *The Power of Silence* de Adam Jaworski (1993), a Eni Puccinelli Orlandi em *As Formas do Silêncio* (2007), passando, entre outros, por Manuel Frias Martins e a sua leitura de Herberto Helder (1983), *O Silêncio dos Poetas* de Alberto Pimenta, António Lobo Antunes, Eugénio de Andrade e António Ramos Rosa (2003), cujos versos são erigidos em epígrafe de cada um dos capítulos que constituem este ensaio.

Mobilizando e dialogando igualmente com toda uma vasta bibliografia crítica existente no domínio dos estudos vergilianos, sem desviar o foco da sua atenção de um *corpus* de textos que cobre cerca de três décadas de criação literária de Vergílio Ferreira, desde *Cântico Final* (1960) a *Na Tua Face* (1990) e incorporando todo o imenso caudal da produção ensaística e diarística deste autor. O resultado é um ensaio que não se limita a ser “mais um ensaio” no domínio dos estudos vergilianos, mas é antes, pelo enfoque escolhido, um ensaio original e iluminador, um ensaio que suscita interrogações, estabelece pontes e abre portas para novas leituras. O que não é de estranhar num ensaio que vem confirmar a solidez de um percurso de vida dedicado ao estudo da obra de Vergílio Ferreira, desde *A Poética do Romance em Vergílio Ferreira* (Colibri 2000) e *A Vocação do Lume* (Angelus Novus 2009) até *A Palavra Submersa*.

Um dos aspetos mais fecundos e originais do trabalho consiste na abordagem comunicativa, funcional, do silêncio, entendido aqui na sua dupla aceção latina de *silere* (verbo intransitivo; estado onde apenas se manifesta a ausência de ruído) e *tacere* (sugerindo uma ação específica ligada à capacidade humana da linguagem). Distinção que, no caso de um escritor como Vergílio Ferreira, tanto pode

envolver uma semântica do silêncio como uma retórica do silêncio: a primeira abarcando a obra ficcional e não-ficcional, e abrindo para uma dimensão metafórica do silêncio em diversas expressões artísticas como a pintura, a fotografia, a música e a dança; a segunda, circunscrita à obra ficcional e à questão da enunciação, permitindo-me destacar aqui o fulgor que atingem neste ensaio os capítulos dedicados à “Retórica da Intimidade” e à “Metáfora e Silêncio. A possibilidade do real”. Em qualquer dos casos, e ainda que por vias distintas, estamos perante uma inquirição permanente da relação tensa e intensa da palavra com o real que passa pelo dito, pelo não-dito, pelo entre-dito ou subentendido, quando não pelo interdito, em suma, pela profunda densidade do silêncio.

É quase impossível não evocar, ao ler este ensaio, as palavras de Ângela Pralini, personagem criada por Clarice Lispector para dialogar consigo enquanto autora e que, a páginas tantas de *Um Sopro de Vida* (2012), afirma saber como se cria o silêncio: “Eu sei criar silêncio. É assim: ligo o rádio bem alto – então, de súbito, desligo. E assim capto o silêncio. [...] Pára tudo: criei o silêncio. No silêncio é que mais se ouvem os ruídos” (Lispector, 2012, p.48).

Ler *A Palavra Submersa* é como desligar de repente o rádio e sintonizar a frequência da intimidade do mundo. Esse lugar de silêncio, de apuramento dos sentidos, onde se escuta o rumor do universo e se assiste ao nascimento da palavra possível que nos há de devolver a voz do humano neste tempo ruidoso de máquinas. Uma razão certamente para a descoberta deste livro.

Referências

- COSTA, Tiago Bartolomeu (2012). EPC, aquele que escrevia para nós e nós não sabíamos. *Público*, 15 de nov. de 2012, 32-33.
- COELHO, Eduardo Prado (2003). *A escala do olhar*. Lisboa: Texto Editora.
- FERREIRA, Vergílio (1960). *Cântico final*. Lisboa: Bertrand Editora.
- _____ (1990). *Na tua face*. Lisboa: Quetzal Editores.
- _____ (2011). *Manhã submersa*. Lisboa: Quetzal Editores.
- LISPECTOR, Clarice (2012). *Um sopro de vida*. Lisboa: Relógio D'Água.
- LLANSOL, Maria Gabriela (1990). *Um beijo dado mais tarde*. Lisboa: Rolim.
- MARTINS, Manuel Frias (1983). *Herberto Helder, Um silêncio de bronze*. Lisboa: Livros Horizonte.
- STEINER, George (1961). The retreat from the word. *The Kenyon Review*, 23(2), 187-216.
- JAWORSKI, Adam (1993). *The power of silence. Social and pragmatic perspectives*. Newbury Park, California: SAGE Publications (*Language and Language Behaviors*, vol. 1).
- ORLANDI, Eni Puccinelli (2007). *As formas do silêncio - No movimento dos sentidos*. Campinas, S.R.: Unicamp.
- PIMENTA, Alberto, ANTUNES, António Lobo, DE ANDRADE, Eugénio & ROSA, António Ramos (2003). *O silêncio dos poetas*. Lisboa: Cotovia.
- RODRIGUES, Isabel Cristina (2000). *A poética do romance em Vergílio Ferreira*. Lisboa: Colibri.
- _____ (2000). *A vocação do lume*. Coimbra: Angelus Novus.
- _____ (2006). *A palavra submersa: silêncio e produção de sentido em Vergílio Ferreira* (diss. dout.). Aveiro: Universidade de Aveiro.